

EDITORIAL

POLISSEMIAS CULTURAIS

Christine Greiner

O que é, afinal, cultura e para que se precisa dela?

Apesar de muitos desentendimentos em torno desta questão, o termo cultura é basicamente visto como uma espécie de polissemia que envolve tudo que o ser humano cria, propicia e produz como, por exemplo, artes, ciências, costumes, sistemas, leis, religião, crenças, esportes, mitos, valores morais e éticos, comportamentos, preferências, invenções e todas as maneiras de ser, sentir, pensar e agir. É uma série extensa de itens que mostra como todas as nações e todos os povos têm cultura. Assim como também, atualmente, comprova-se a existência de práticas culturais em outros seres vivos e não unicamente na espécie humana.

Entre um número imenso de definições, há os que vêem a cultura como um sistema de padrões de comportamento, de modos de organização econômica e política, de tecnologias, em permanente adaptação, em vista do relacionamento dos grupos humanos com seus respectivos ecossistemas. Há os que tratam a cultura como um sistema de conhecimento da realidade, como o código mental do grupo, não como um fenômeno material, mas cognitivo. Há também os que encaram a cultura como um sistema estrutural, em que o eixo de tudo é a bipolaridade natureza-cultura, tendo como campos privilegiados de sua concretização o mito, a arte, a língua e o parentesco. Há os que entendem cultura como um sistema simbólico de um grupo humano, sistema que só poderá ser apreendido por outro grupo por meio de interpretação e não por mera descrição.

O significado greco-latino de cultura mais clássico está estritamente limitado ao refino, à boa educação e à formação intelectual. A cultura, por um viés moderno, integra-se nos diferentes mecanismos sociais que perpassam o universo simbólico do ser humano, e aqui o corpo tem um papel determinante como filtro de percepção cultural, seja através dos sentidos ou das experiências. Na formação do universo cultural há diferentes modelos de compreensão, seja nas formas de integrar-se aos outros, nas diferentes formas de aprendizado ou na influência do meio ambiente. O termo cultura, através da tradição iluminista, é também empregado como sinônimo de civilização. Por um jogo de articulações, dimensões se impõem e classificam

a cultura como um elemento exclusivo da pureza sinônima povo-popular; como uma concepção do mundo em contraposição aos esquemas de dominação oficiais; como um acréscimo de erudição que é transmitido na escola e sancionado pelas instituições; como um processo massificante que reflete um sistema capitalista e industrial em constante desenvolvimento e que é fundamentado no fetiche e no consumo de mercadorias culturais.

Por um caminho mais conciso que busca uma conceituação mais específica no meio de tantas definições, é cabível perceber que a cultura não é apenas acumulação de tradições e experiências como está também profundamente entrelaçada com todo o sistema cognitivo de cada indivíduo. A cultura, então, produz realidade e, ao mesmo tempo, pode ser compreendida como algo que se constrói e se reconstrói em cada ação coletiva e individual. Observando-se através destas ações, a natureza de uma cultura que é sempre tanto tradicional quanto criativa e que é tanto os mais comuns significados coletivos quanto os mais refinados significados individuais. A palavra cultura pode ser usada, essencialmente, com estes dois sentidos: para designar todo um modo de vida com os seus mais corriqueiros atos e para designar as mais elaboradas criações com os seus processos especiais de descoberta e de esforço criativo.

Ou seja, a cultura é de todos, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar. Mais ainda e principalmente, a cultura não é uma única coisa, mas, várias, e por isto passível de inúmeros sentidos, diversas utilizações e, acima de tudo, variadas interpretações.

Da Pré-História, a Grécia Antiga, ao Renascimento, a Modernidade e o século XXI, não só os fazeres da cultura como, igualmente, os focos colocados sobre ela foram mudando e estendendo todo tipo de limites. Observar, separar, pensar e classificar são atitudes que fazem com que a característica fundamental da cultura seja, justamente, atribuir, de forma sistemática, racional e estruturada, significados e sentidos às coisas do mundo. Do mesmo jeito que observar, atribuir significados e imprimir uma ordem às práticas culturais é um ato fundamental que permeia todas estas diferentes épocas da história da humanidade. A cultura não é só praticada em vários níveis como é também entendida e analisada em vários níveis. Algo que corresponde com prontidão à capacidade humana de gerar uma quase infinita flexibilidade de reações através de seu potencial simbólico e lingüístico, não só em situações de interação, como, pontualmente, na criação de uma quantidade infindável de relações e de produtos culturais.

Desta maneira, qualquer forma de análise cultural implica no reconhecimento de contextos diferenciados que carregam a possibilidade de se debruçar sobre objetos de estudo vindos de cantos habituais e incomuns. Entender a cultura é buscar conexões e pontos de vista capazes de mostrar esquemas, instituições, mecanismos

e forças produzidos no processo prático de sua elaboração. Uma elaboração que se alastra por produtos e práticas presentes em um leque de cenários e de condições tão distinto quanto extenso porque ao se acompanhar os meandros e as minúcias da dinâmica do moto-contínuo cultural, se constata que o entendimento da cultura sempre gera novos interesses e novas perspectivas.

Construir novos conceitos, trazer à tona outras problematizações possíveis e deixar de lado premissas fechadas e dogmáticas, estes são os princípios que balizaram o desafiador e enriquecedor encargo de editar esta série de artigos selecionados para atender ao tema e para compor o dossiê deste número da Revista de Estudos Universitários. Após esta afirmação, os artigos que compõem esta edição poderiam ser apresentados da maneira tradicional em que se expõe o nome de seus autores e se resume o conteúdo de cada um deles. Sem querer desmerecer nem os autores e nem os conteúdos, os artigos falam por si, lê-los é perceber a polissemia cultural esquadrihada pela diversidade de análises e de objetos proposta e exposta nos escritos desta revista. Assuntos e enfoques variados estruturam um mosaico que relaciona e questiona as fronteiras da cultura. Cada um dos artigos põe em discussão a complexidade inerente aos mais diferentes produtos e produções culturais através de relações e interlocuções que procuram novos parâmetros e outros paradoxos para se entender e se questionar a cultura. A seleção e a ordem dos artigos deixa claro como o propósito almejado pelas minhas intenções na função de editora ao organizar esta edição foi plenamente alcançado.

Ver todos estes textos impressos no papel só foi possível por causa do generoso convite do professor Marcos Antonio dos Santos Reigota, a contribuição inestimável da escrita de todos os colaboradores, o afinho e a presteza da equipe da revista, e o profissionalismo de Vilma Franzoni. Por isto, qualquer agradecimento seria pouco diante do esforço conjunto e da concretização de qualidade que o empenho de todos os envolvidos concebeu para a apreciação e o reconhecimento de todos os leitores que puderem aproveitar o que está escrito nas páginas seguintes.

Boa leitura.

São Paulo, agosto de 2008.